

A agonia da crítica literária e o rap de Baco Exu do Blues: Política identitária do racismo e o cânone branco

The agony of literary criticism and Baco Exu do Blues' rap: Identity policy of racism and the white canon

Alexandre de Oliveira Fernandes¹

RESUMO: Arquiteto considerações em torno da pergunta seguinte: como a poesia de um cara negro e gordo e nordestino, e que tem Exu no nome, participa da criação e da significação da realidade? Inicialmente, desafio postulados projetados como “cânone” e “fim da crítica”, marcando-os como política de produção de subalternidades para determinados sujeitos, enquanto hiperestimula e sobrevaloriza o chamado cânone global. Efeito de política identitária racista, um cânone brancocentrado não passa ao largo de processos de outremização, cuja vigilância contra ecletismos e expansão de territórios de análise, ignora ser o cânone, uma metanarrativa, fruto de ilusão isomórfica comprometida com projetos de natureza totalitária. Ao rasurar a enunciação excludente dessa tradição, compreendo a operação poética de Baco Exu do Blues como dissidente, um arsenal crítico para desaquendar o entulho ciscolonial judaico-cristão do Brasil recente.

ABSTRACT: I elaborate on considerations around the following question: how does the poetry of a black and fat guy from the Northeast of Brazil – and who has “Exu” (Eshu or Èṣù, also called Elegba) in his name –, participate in the creation and meaning of reality? Initially, I challenge postulates designed as “canon” and “end of criticism”, marking them as a policy of producing subalternities for certain subjects, while hyperstimulating and overvaluing the so-called global canon. As an effect of racist identity policies, a white-centered canon does not bypass processes of othering, whose vigilance against eclecticism and expansion of territories of analysis ignores that the canon is a metanarrative, the result of an isomorphic illusion committed to an agenda of a totalitarian nature. By erasing the exclusionary enunciation of this tradition, I understand the poetic operation of Baco Exu do Blues as a dissident, a critical arsenal to unravel Brazil’s Jewish-Christian ciscolonial rubble.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica literária; Baco Exu do Blues; cânone branco; política identitária racista; Exu.

¹Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia (IFBA/Porto Seguro). Professor permanente no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC). Líder do Grupo de Pesquisa em Linguagens, Poder e Contemporaneidade (GELPOC). <https://orcid.org/0000-0002-1556-4373> Endereço eletrônico: alexandre.pro@gmail.com.



KEYWORDS: Literary criticism; Baco Exu do Blues; White Canon; Racist Identity Politics; Eshu.

1. Abre caminho deixa o Exu passar

Enquanto tiver vivo será pretos no topo
Fiz poetas no topo mas sou poeta com copo
Meninas brancas guardavam celulares quando
Me viam
Hoje tiram celulares para guardar uma foto
Tipo Tim Maia, preto clássico embaçado
Racional
Eles querem ser James Bond
Eu não morro antes de ser grande igual James Brown
(BLUES, 2017).

No ensaio ora em tela, busco rasurar a enunciação excludente e autocentrada da tradição e compreender como o artista “Baco Exu do Blues” opera uma poética dissidente, contraglobalizante, produzindo arsenal crítico para desaquendar o entulho ciscolonial judaico-cristão do Brasil (RUFINO, 2021). Para tanto, arquiteto, considerações em torno da pergunta seguinte: como a poesia de um rapper negro e gordo e nordestino, e que tem Exu no nome, participa da criação e da significação da realidade?

Desenho relações possíveis entre um cânone² branco e uma potência poética que rejeita se sentir deslocada e quer disputar espaços de poder. Tomo a escritura de Baco Exu do Blues como resultado de discursos em disputa, ou seja, nem

² A palavra cânone se remete a textos modelos, textos autorizados, o conjunto de escritos autorizados, consagrados pelos mestres da tradição (PERRONE-MOISÉS, 1998; 2000).

espelha a realidade nem é transcendente, passo ao largo de uma maneira canônica e positivista de fazer crítica literária, porque em seu furor por alçar a objetividade, a ciência positivista/mecanicista do século XVII e que remonta a nomes como Galileu Galilei, Isaac Newton, Nicolau Copérnico, René Descartes, Francis Bacon, com seus métodos empírico-dedutivo e racional-dedutivo, ignora e omite o fato de que tradições são inventadas, os sujeitos divididos, os significados diferidos, sacudidos pelo jogo de significantes a significantes (HARAWAY, 2009; DERRIDA, 2001; MOURA; FERREIRA, 2020).

Uma ciência patriarcal-europeia com um modo de pensamento analítico-reducionista-linear, interessada em decompor em partes um dado “objeto”, dispondo essas seções em ordem lógica, tem crença absoluta na exclusividade da Razão e da Modernidade, a saber, europeia e Ocidental. Tal ciência se encarregaria de levar ao terceiro mundo a luz, o esclarecimento e o conhecimento que sobrepujariam a ignorância: os bárbaros se tornariam nem que à força, civilizados.

A escrita de Baco inverte tal lógica, busca Wakanda e despacha Jerusalém, se espelha em Tim Maia, “preto clássico embaçado”, se “eles querem ser James Bond / eu não morro antes de ser grande igual James Brown”. Se interessa por um próximo Obama e não por pretos com uma arma pra cima ou descendo o morro em sacos plásticos pretos. Conectada com uma literatura afro-brasileira, afro-identificada, sua poética ecoa nomes como Luiz Gama e Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto e Cuti, Abdias do Nascimento e Tatiana Nascimento, Nei Lopes e Conceição Evaristo, Miriam Alves e Cristiane Sobral, na medida em que elabora temas caros às questões raciais de modo distinto do cânone literário.

Contrapõe-se a metanarrativas como “justiça”, “hombridade”, “amor”, “afeto” e “paz”, objeta nomes como “Jesus”, porque estes foram embranquecidos.



Pra mim, Baco, Exu e Jesus são três entidades com o mesmo propósito, só que isso é muito disfarçado e as pessoas tentam não ver. (...) Qual a diferença? É porque um é retratado como um cara branco de cabelo longo e barba, sendo que o cara nem era assim. Aí eu fico me perguntando: e se Jesus fosse retratado como ele era mesmo, preto, em todas as esculturas, etc? E se todo mundo demonizasse Jesus, a gente ia fazer o quê? (BLUES, 2017)³.

Durante muito tempo, Baco se percebeu como um sujeito não desejado nos ambientes em que frequentava, os olhares não eram de acolhida, era como se nódoas marcassem seu corpo como “negro bestial”, “homem negro animalesco” e “agressivo”. À moda dos processos de eugenia, estigmas racistas remontam discursos reiteradamente veiculados na sociedade brasileira, à exemplo de “ladrão bom é ladrão morto”. “Quando você para pra pensar num discurso como o da extrema direita, ‘ladrão bom é ladrão morto’, se você passar qualquer filme de ladrão pros caras, as pessoas vão glamourizar esse personagem. Então, não é ‘ladrão bom é ladrão morto’, é ladrão preto”⁴.

Baco se interessa por devolver ao povo negro aquilo que lhe foi historicamente pilhado, desmontando estigmas. Ouçamos trecho de Bluesman:

Eles querem um preto com arma pra cima
Num clipe na favela gritando: Cocaína
Querem que nossa pele seja a pele do crime
Que Pantera Negra só seja um filme
Eu sou a porra do Mississippi em chama

³ BARBOSA, Daniela. Baco Exu do Blues: o certo, o errado e a história de tudo isso em ‘Esú’. NOIZE. Disponível em <https://noize.com.br/entrevista-baco-exu-do-blues-esu/#1>. Acesso em 25 de maio de 2023.

⁴ #Provoca. Baco Exu do Blues. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=LyeqgF_kzYc. Acesso em 25 de maio de 2023.

Eles têm medo pra caralho de um próximo Obama
Racista filha da puta, aqui ninguém te ama
Jerusalém que se foda, eu tô à procura de Wakanda.
(BLUES, 2018)

O rapper evidencia as fantasias brancas projetadas sobre a negritude. Há o que “eles querem”: que a pele negra seja sinonímia do crime; há aquilo que “eles têm medo”: de que negros alcancem o poder. Ambos, “desejo” e “fobia” representam aspectos negados do eu branco, capazes de legar aos negros abjeção, alienação, trauma psíquico e baixa autoestima, diariamente fortalecidos pela violência da colonialidade (KILOMBA, 2019). Rejetados, de modo autoritário e narcísico, estigmas desestimulam qualquer identidade positiva que os sujeitos negros possam ter.

Incluem-se aí os processos de demonização de mitologias e de deuses africanos, como Exu e a “destruição da fé dos negros dentro do Brasil. Quando você não tem fé, quando quebra a fé, hostiliza, é a forma mais fácil de você derrotar a pessoa, derrubar, destruir tudo que você acredita”⁵. Baco reflete:

Que é o candomblé? Culto da ancestralidade, é você ter uma admiração, a nível divino sobre antepassados que pareciam com você. Se você tem essa admiração com pessoas que pareciam com você, a sua criação de autoestima, beleza, muda, tudo muda. Qual é a treva do racismo dentro do Brasil e dentro do mundo, desde sempre? É destruir nossa autoestima e admiração entre os nossos e a nossa fé. Quando a pessoa está dentro de uma religião onde o máximo, o cultuado, o bonito, o herói é parecido com ele, não perigosa essa pessoa passa a ser se ela acredita, fora da caixa, que

⁵ Entrevista concedida ao *podcast* PODPAH. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zTzhmiNR2dA>. Acesso em 25 de maio de 2023. Como critério de organização, as citações de entrevistas utilizadas a seguir no texto também foram retiradas da mesma fonte. Quando ocorrer a menção de uma outra, haverá sinalização em nota de rodapé e nas referências finais do artigo.



sim ela é bonita, ela é forte, ela pode fazer as coisas acontecerem?
(BLUES, 2023).

Em letra intitulada “Autoestima”, Baco fala de dores que tentou esconder, quando, por meio de julgamentos, apontaram: “Isso não é pra você”. Reconhecendo o direito legítimo de sentir sua dor enquanto homem negro, insiste: “Direito de sentir essa dor / Direito de sentir essa dor / Direito de sentir essa dor”. Mas, nada é capaz de ofuscar a dor que sente, nem tênis de marca, nem carros, nem drogas ou diamantes. Narra que na festa da Vogue ocupou os dedos com anéis pra não puxar gatilhos e estranha o afeto repentino que tem recebido, “Sempre tive o mesmo rosto / A moda que mudou de gosto / E agora querem que eu entenda / Seu afeto repentino.

Quando Baco afirma “Eu só tô tentando achar / A autoestima que roubaram de mim / Foram vinte e cinco anos pra eu me achar lindo, aproxima sua escrita de uma “literacura da ferida colonial”, processo de resistência interessado em superar a dor, ou seja, transformar o paradigma da dor “pela afirmação do direito ao devaneio” (nascimento, 2018, p. 21). A escrita de suas letras implica em processo que expulsa o que está sentido, traçando rotas para a cura. Não quer abordar seus temas de um “jeito um pouco mais bonito, um pouco mais garboso, [porque] talvez não funcione pra mim, já não vira uma música, não é um desabafo suficiente para eu dizer que se transformou em algo que eu sinta de verdade”⁶.

Baco fala em sua música, “primeiro o que preciso falar na terapia”. A ideia, contudo, é não cair na armadilha do estereótipo da resistência constante que

⁶ SPLASH. Entrevista. Baco Exu do Blues: “O álbum mostra como o amor foi embranquecido com o tempo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yHvqq-f3Ly0>. Acesso em 25 de maio de 2023.

congela a escrita no *frame* da denúncia (mais óbvia) do racismo. A resistência se dá por meio de uma literatura negra, “espaço da experimentação, da criatividade, do inusitado/inesperado, visionário, (afro)futurista” (nascimento, p. 24), à despeito “dos traumas que o racismo cria. (...) Todos os filmes que eu vi na minha adolescência, o cara legal, o marido legal, o namorado legal não era parecido comigo. Todas as novelas que eu vi na minha vida, o protagonista não era parecido comigo”⁷.

Em direção à Wakanda, nação ficcional do filme “Pantera Negra”, Baco dispara contra Jerusalém, uma cidade localizada nas montanhas da Judeia, considerada sagrada pelo judaísmo, cristianismo e islamismo. Verdades incômodas podem ser ditas quando a máscara que veda a boca do sujeito negro não mais o impede de revelar segredos dos quais o senhor branco quer manter distância: “eu vim para faturar e as vezes fraturar / Alguns pélas que acham que podem roubar meu lugar / Não vou negar o que aprendi nas esquinas / A única coisa branca que dá lucro pro preto é cocaína”⁸. Especialmente quando o sujeito negro se livra do sentimento de culpa:

Me culpam sobre crimes que não cometi e isso é tão errado
Pensei em desistir, mas me acostumei com o peso de ser odiado
Só porque venci querem que eu me sinta culpado
Tudo bem, sempre fui maltratado
Ter autoestima sendo como eu se tornou pecado
Exu do Blues é vilão, um jovem inconsequente, surtado
Chega perto, vou contar um segredo
Se acostume a ver preto e dinheiro

⁷CNN POP. Baco Exu do Blues. À PRIOLI. 01/10/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DYKhykwBoNI>. Acesso em 25 de maio de 2023.

⁸LETRAS. Faixa preta. Baco Exu do Blues. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/faixa-preta/> Acesso em 25 de maio de 2023.



(BLUES, 2022)⁹

A máscara do silenciamento, conforme ensina Grada Kilomba (p. 33), parte do projeto colonial europeu, é “composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas”, atada ao queixo, nariz e testa, cuja função “era implementar um senso de mudez e de medo” nos sujeitos escravizados. Tal objeto sádico de tortura é metonímia e metáfora do colonialismo, simboliza políticas de conquista e dominação e seus regimes de silenciamento.

Revisando “o lugar do negro na literatura”, o professor Eduardo de Assis Duarte, conta-nos que o cânone literário brasileiro, fora marcado por opacidade e esterotípias, sendo o negro muito mais um “tema” do que uma “voz autoral”. Isso consolidou processos de subjetivação escravistas, sancionados por uma literatura “branca”. Negros e negras foram representados ora como vilões ora como sujeitos libidinosos à serviço do dono da casa grande e do patrão. Sempre coadjuvantes, atravessados pelo mal-caratismo, falsidade, preguiça, crenças e costumes nada científicos, podem ser percebidos de Joaquim Manuel de Macedo à Mário de Andrade, de Coelho Neto à Nelson Rodrigues, passando por Oswald de Andrade, Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro e Adonias Filho.

Entre romantização da mestiçagem, corroborada pelo mito da democracia racial de Gilberto Freyre, e apropriação marxista da cultura afro, a pena daqueles escritores produziu personagens estereotipados, fundamentados em racismo e

⁹ LETRAS. Sinto tanta raiva. Baco Exu do Blues Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/baco-exu-do-blues/sinto-tanta-raiva/> Acesso em 25 de maio de 2023.

“negrismo”, uma apropriação eurocêntrica do tema do negro, descompromissada e folclórica (DUARTE, 2014, p. 151).

Daí me perguntar se procedimentos de análise da crítica literária devem depender da existência prévia de um referente estético. Qual referente? Branco, europeu – refiro-me às potências econômicas do oeste do continente –, católico, do homem de bem, heterossexual e bem casado? O modo branco de produzir conhecimento, atrelado que está a colonialismos diversos – ibérico: espanhol e português (século XVI); holandês (XVII); francês (XVIII); britânico (XIX); estadunidense e russo (XX) –, asseverou e respaldou a dominação colonial europeia sobre o restante do mundo (QUIJANO, 1992, p. 444; LUGONES, 2014), “deixando de fora vozes dissonantes, sob o argumento de não se enquadrarem em determinados padrões de qualidade ou estilos de época” (DUARTE, p. 152).

De minha parte, não atendo a critérios de objetividade e não me interesso por definir com precisão um *corpus* de pesquisa ou análise, ou por descrever fatos observáveis, em ambiente experimental controlado e replicável. Não busco preservar uma densidade ôntica¹⁰ do objeto de análise, nem me preocupo com certa liquidação sumária da estética, do cânone e da crítica, como Leyla Perrone-Moisés (1998, p. 214).

E por quê? Porque tal densidade limita a crítica e o ensino de literatura a nomes glorificados, às “altas literaturas”, o que fortalece assimetrias sociais e colabora para o apagamento do passado escravocrata brasileiro. Além do que a grita em torno da liquidação do cânone sinaliza para atitude prepotente e ressentida cujo interesse é a supremacia de um sistema sobre os demais

¹⁰ Conforme Sueli Carneiro, a dimensão “ôntica” do ser já fora usada para circunscrever existências negras rebaixadas. Ora, se “ôntico” se refere a entes particulares, em oposição à ontologia que seria especificamente, o Ser Humano, “o racismo reduziria o ser a sua dimensão ôntica, negando-lhe a condição ontológica, o que lhe atribui incompletude humana.” (CARNEIRO, 2005, p. 27).



(COUTINHO, 2022). Ato contínuo, reforça o embranquecimento da bibliografia, seja na temática abordada, seja na autoria, numa postura elitista e excludente, favorecendo a produção de subjetividades negras subalternizadas. No escopo dos Estudos Literários, isso implica a designação de quem pode ser falado através do desejo do outro, pelo Ocidente (ALVES, 2023, p. 15).

A crítica literária, Leyla Perrone-Moisés (1998; 2000), mais de uma vez demonstrou-se aflita por conta do que chamou de “fim da crítica”, alertando contra a “armadilha dos engajamentos nacionais-populares, tão frequentes entre os terceiro-mundistas”, os quais exaltariam obras ou autores particulares, “reivindicando, para os excluídos, lugares de honra no cânone hegemônico” (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 164). Essa aflição, ao que me parece, não examina sobre que conjunto de valores e qual estética se estava a tratar quando problematizou a extinção de um conjunto de valores, a perda de referências e uma “despreocupação etérea da crítica pós-axiológica da chamada pós-modernidade” (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 165). Em outros termos, não questionou as origens de suas construções epistemológicas, como se sabe, apoiadas em valores estéticos ocidentais, muito menos a branquitude de sua reflexão.

Ora, desde a dominação colonial, leia-se, colonização branca, um dos objetivos do senhor escravocrata fora o de implementar um sentido de mutismo associado à boca dos negros. Tal silenciamento, como se sabe, consolidou uma fala colonial branca como verdade única. Na contramão, as negras, as indígenas, as sapatonas, as queer sempre falaram, situando a partir de seu prisma, os privilégios da branquitude e da cisheteronormatividade. Ao criticar a episteme branco-europeia como parte de jogos pelo poder, signo de disputas políticas pela manutenção de privilégio e dominação, marcaram esse discurso como racializado.

Acolhendo uma ideia de cânone estruturalista¹¹, Perrone-Moisés acaba por, indiretamente, indicar a crítica, o ensino e a aprendizagem de literatura por meio de técnicas e métodos positivistas, sem haver questionamento das relações de poder e das formas de saber que alçam determinado texto ao privilegiado cânone. Recomenda, indiretamente, ao escritor que este deva se apressar a servir à teoria: “goste de mim, guarde-me, defenda-me, já que eu sou conforme à teoria que você reclama”. Mas, além de técnica, há a necessidade de “sedução”, “escritura” (BARTHES, 2003, p. 67). Diria mais, é importante questionar o monopólio branco sobre processos de representação, numa mirada decolonial, produzindo “um ato de desobediência epistemológica, que realocaliza o alvo da interpelação crítica”. Com Spivak (2010): “pode o subalterno falar?”; de minha parte: pode um cânone branco ouvir?

Que está em jogo aqui? O fato de que o sujeito branco talvez não consiga ouvir porque sua fala é dependente da produção arbitrária do sujeito negro como “outro”; sua existência se alicerça na produção de imagens e narrativas desde um ponto-de-vista colonial, sendo a universidade brasileira e a crítica por ela produzida, ainda hoje, “espaço de violência e de geração de conteúdos dominantes, que não cessa de produzir como ausentes certas vozes para que ecoem outras, nublando formas alternativas de conceber o saber e sua relação com o mundo” (MOMBAÇA, 2023).

Ao alertar para uma “agonia” da crítica, a teórica uspiana, não se perguntou sobre quem convalida aquilo que se compreende por cânone de referência. Ainda mais, o rompante que interroga o “fim da crítica” e promove alarde em torno do “fim da literatura” – supostamente tomada de assalto pelo pós-modernismo e por

¹¹ Esse lugar “estruturalista” foi ironizado por Roland Barthes: “Estruturalista, quem ainda o é? (...) Pelo menos a estrutura me fornece dois termos dois quais posso, voluntariamente, marcar um e despachar o outro (...)” (BARTHES, p. 134).



políticas identitárias – (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 165), perde de vista sutilezas da “política identitária do racismo” (MORISSON, 2019. p. 25) e não contesta os modos ocidentais de representação, afirmados na épistémé da presença e da identidade.

Lembremos que para Michel Foucault (2002, p. 217), episteme é o conjunto das relações que permitem “compreender o jogo das coações e das limitações que, em um momento determinado se impõem ao discurso”. Quanto à tão temida “pós-modernidade”, esta implica em comunicação de massa, inteligência artificial, desenvolvimento das tecnologias de informação (TICS), mundialização do capital. Grandes sistemas totalizantes, como Família, Deus, Pátria, Nação, Cânone são colocados sob suspeita. Trata-se de uma era de fragmentação, na qual o contingente substitui o transcendente e as identidades não são fixas senão recompostas permanentemente.

A lógica pós-moderna e suas variações, pós-estruturalista, desconstrucionista, pós-marxista, além dos estudos decoloniais, pós-coloniais, estudos culturais de fronteira, subalternos, de gênero e cuier, favorecem a “desconstrução da hegemonia do saber construído pela modernidade ocidental” (GOULART, 2022, p. 69). E o cânone com isso? Reitere-se: “uma construção como outra qualquer, ideologicamente marcada e sujeita a interesses de ordem eminentemente política” (COUTINHO, 1999, p. 55).

A pós-modernidade rasura a metafísica da realidade ao nos fazer perceber que o sentido dado ao mundo é produzido através de enunciados, estilos, figuras de linguagem, cenários, mecanismos narrativos, circunstâncias históricas e sociais dos discursos, e não através de uma correção da representação (VEIGA-NETO, 2007, p. 23). Aqui, não há lugar para o estanque e o fixo, logo, esboroam-se os

referenciais, tudo passa a ser contingencial, questionando as verdades das grandes narrativas da Modernidade.

Em conexão com a discussão aqui levantada, citaria artigo intitulado “Saudosismo literário: a destruição imaginária da ‘literatura’”, de Rick Afonso-Rocha (2022, p. 349). O autor defende ser político-ideológico o espaço enunciativo do texto literário, cuja eficácia simbólico-imaginária disputa significações do mundo, locus possível de contestação, resistência, alteração social. Critica a “nostalgia acadêmica” e o empenho de críticos como Harold Bloom para salvaguardar a Literatura e o cânone. Conforme explica, atrelada à orientação cínica da classe burguesa, a “nostalgia” pretende retomar um tempo anterior para a literatura, hoje “ameaçada pelos próprios estudos literários que, em verdade, não seriam estudos literários, mas estudos culturais, nos quais o texto literário teria perdido poder para outros espaços enunciativos”. Talvez, tal “nostalgia” seja manietada por certa burguesia que, conforme se pode ler em Roland Barthes, retorna como uma Farsa.

Barthes retoma frase de Karl Marx, segundo a qual, fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem duas vezes, a primeira como tragédia, a segunda como Farsa, para nos alertar sobre o retorno de uma burguesia triunfante, comportada, exploradora, produtora de ciência medíocre e política rasa. Ao regressar como Farsa, “volta mais baixo; é uma metáfora que se inclina, murcha e cai (que broxa)” (BARTHES, p. 103).

2. Política identitária do racismo e o cânone branco-racista

Para a professora Eneida Maria de Souza (1998), o conservadorismo estético e político deveria dar lugar ao respeito às pluralidades interpretativas, de modo que a crítica literária se envolvesse corajosamente com os estudos das minorias,



tendo a interdisciplinaridade como aglutinadora de diferenças. Trata-se de aprender a pensar por meio da lógica da multiplicidade e não mais por veredas binárias e mecanicistas. Logo, cuida-se de linhas de fugas e movimentos de desterritorialização, rotas de escape e conexões entre fluxos heterogêneos. E, não mais sobre/acerca de objetos fixos.

Tal lógica suscita problemas, tira o pensamento do estanque, desassossega, ocupando-nos do ambíguo, ambivalente, numa cartografia de fluxos desejanter, dúbia, atravessada por rastros, marcas, traços, linhas deleuzianas (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2016). Isso implica em pulverizar limites fechados dos campos teóricos, alterar um caminho tranquilizador com seus modelos canônicos a serem seguidos, pelo de conhecimento em processo, numa aposta franca em teorias sistêmicas complexas, afeitas à frouxidão epistemológico-teórica e pós-moderna. Nesse aspecto,

o objeto literário deixa de ser privilégio da crítica literária e se expande para outras áreas, numa demonstração de estar a literatura se libertando das amarras de um espaço que a confinaria para sempre no âmbito das belles-lettres (SOUZA, 2004, p. 58).

A vigilância contra ecletismos, heterodoxias, expansão de territórios de análise, pluralidades metodológicas, em face de um cânone referencial, resultado de racismo estrutural, ignorando ser ele mesmo uma metanarrativa, ou seja uma ilusão isomórfica comprometida com projetos de natureza totalitária e globalizante, pode denunciar uma posição conservadora. Nela, a tradição – expressa na episteme “universal” europeia e anglo-saxônica, produto e agente da colonialidade na América Latina – seria uma espécie de barricada contra discursos

ideológicos das chamadas minorias – mulheres, gays, trans, lésbicas, sujeitos cuir, negros, indígenas, viventes e proletários do Terceiro Mundo –, uma reação ressentida e nostálgica de cunho proselitista e conversador (AUAD, 2019).

Essa resistência se esquece de que uma crise da crítica e da literatura passa pela “disciplinarização e fragmentação dos campos de estudo”, pela “fúria avaliadora” e “burocratização da rotina acadêmica” (DURÃO, 2017, p. 31), pelas exigências corrosivas de indexação dos escritos acadêmicos, além de que impõe táticas conhecidas da Metafísica, a saber, totalidade, fechamento, hierarquia, exclusão, assimilação (DERRIDA, p. 80).

Em sociedades neocoloniais nas quais negros, bem como pessoas gays, trans, indígenas, travestis, sapatonas, gordas, são lidas a partir de uma definição branca e judaico-cristã da humanidade, por meio de representações dissimuladas e pseudocientíficas, não é absurdo atrelar o desejo de salvaguarda pelo cânone e pelo fortalecimento de referenciais literários, como uma pedagogia eugenista, racista, normalizadora, interessada em controlar o outro, subjugando-o à autoridade obrigatória do homem branco. Daí ser fundamental “desvelar as invisibilizações dos cânones”, um ato político, “como toda militância em prol da educação de qualidade e da pesquisa, únicos compromissos capazes de projetarem o Brasil como país moderno e desenvolvido” (KAHMANN; CUNHA, 2022, p. 332).

Em seu “A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura”, a escritora estadunidense Toni Morrison (2019), discutindo o “Relatório sobre as doenças e peculiaridades físicas da raça negra”, escrito pelo médico eugenista e senhor de escravos do sul dos Estados Unidos, Samuel Cartwright, defende que termos como “raça”, “riqueza”, “classe” e “gênero” foram usados estrategicamente como parâmetro de diferenciação entre as pessoas, com vistas a determinar quem



estaria no controle. Doenças e peculiaridades físicas das pessoas negras, baseadas em “leis fisiológicas inalteráveis”, determinariam a eles, negros, salvo exceções quase inauditas, só poder receber cultura moral e religiosa quando submetidos à autoridade compulsória do homem branco. Características como indolência natural, mente ignorante, cérebro acorrentado à superstição e à barbárie, fecharia para aqueles sujeitos o acesso à civilização, à cultura moral e à verdade religiosa.

Nos seis ensaios que compõem seu livro, Toni Morrison, numa atitude própria de enlace entre saber empírico e teórico, contrasta experiências pessoais e excertos de clássicos da literatura, para nos contar como a história dos Estados Unidos reflete a produção de uma “política identitária do racismo”. Trata-se de uma política racista que criou os “outros” por meio de uma crítica literária.

Segundo Morrison, a identidade daquele país foi erguida sem que se desafiasse fundamentalmente a hegemonia branca, pelo contrário, compreendeu processos de “outremização”. O outro seria aquele que assombrava o branco, ao passo que as etnias europeias que chegavam aos Estados Unidos e se tornavam parte da maioria “branca” receberiam a alcunha de americano de “verdade”. Ser americano “de verdade” implicava minimizar ou romper vínculos com seu país natal, aceitando a brancura, signo da “americanidade”. Esse racismo social lega vantagens para o branco. Ao produzir um “outro” estrangeiro, que perturba, desestabiliza e ameaça, gera-se uma experiência acerca do ser negro, a qual implica em autodepreciação racial, alimentada por linguagens e imagens, processos estereotipados de representação.

A narrativa produzida por brancos colonizadores e pelo discurso da colonialidade é vital para compreender, o processo de outremização, o qual envolve a produção de si e do outro. Atravessada por sadismo, violência, controle

do gozo e “prazer” de violentar, a outremização/racismo é amparada por uma literatura romantizada. Esta foi construída para não “assustar” os brancos leitores, tornando aceitável a barbaridade do pelourinho, dos estupros e a violência da escravização. Ao humanizar e valorizar a brutalidade colonial, essa literatura preparou o terreno para a era atual da encarceração em massa e a agência necropolítica (MBEMBE, 2017).

3. Um cara negro e gordo e nordestino

“Sulicídio”, música de 2016, uma parceria de Baco com o pernambucano Diomedes Chinaski, advoga um lugar para o nordeste, “Nordeste no topo, do topo, do topo”. É a partir desse trap contra-hegemônico, produzido por Mazili & Sly, uma verdadeira investida nordestina contra o Sul-Sudeste do Brasil (OGANPAZAN, 2016), que vem à tona, em meio a polêmicas diversas, a potencialidade de Diogo Moncorvo, o Baco Exu do Blues. Na letra, é criticado o domínio do Sul-Sudeste sobre a cena do rap no Brasil, “Sem amor pelos rappers do Rio (Sem amor) / Nem paixão por vocês de São Paulo/ Vou matar todos a sangue frio e / Eu tenho caixão pra caralho / Minha lírica, cítrica, implica e complica e aplica / Esses caras no funeral”. Buscando abrir caminhos para a presença de artistas do Norte e do Nordeste, questiona: “Como é que você nunca ouviu falar / dos bruxos lendários do Norte (...) Nordeste, desgraça, engrossa o caldo” (BLUES, 2021).

O rapper baiano, hoje com 27 anos de idade, causou polêmica com aquele som¹², mas que, segundo ele, objetivou dizer às pessoas “olhem para os outros

¹² Sabe-se que essa “track foi essencial para abrir espaço para cantores de outros locais que já mandavam rimas pesadas se inserirem no rap, como o cearense Don L, e, hoje, a cena já conta com muito mais nortistas e nordestinos (além de mulheres e LGBT+s, negligenciados no processo artístico do rap). Na época desconhecido, Baco Exu do Blues se configura, atualmente, como uma



lugares”, convite esse “que não serviu só para o nordeste, serviu pro Brasil todo e, inclusive, para as pessoas que tãõ no eixo, mas fora da panelinha”. Intitulando-se “Patrão da vida loka”, referência às músicas de Axé da Bahia, nesse texto combativo, inverte processos, “Antes eu andava na boca do povo / Hoje o povo é que anda na minha boca”.

Ora, se Sigmund Freud foi aos Estados Unidos para levar a peste, a saber, a psicanálise, em “Sulicídio” é possível depreender que Baco sai de Salvador, na Bahia, e vai para a cidade de São Paulo, centro comercial brasileiro, para “plantar a desgraça, não pra tirar foto”. Perguntado se havia a necessidade de citar nomes de profissionais do rap em sua letra, responde:

- Eu não cheguei pra bater na cara de ninguém, pra dar o papo na cara de ninguém, nem pra dar murro na cara de ninguém não. Eu tive que atingir os caras em verso pra poder atingir o público dos caras. Se ligou? Eu em momento nenhum, como homem, desmereço o trabalho de ninguém, de nenhum dos caras. Todo mundo trabalha, faz o seu corre. Se os caras não trabalhassem não tavam ganhando dinheiro agora. Só que existe uma facilidade pra eles, e dizer que não existe essa facilidade, é mentira, tá ligado? Que é estar dentro do eixo. Você já é favorecido por estar dentro do eixo. (...) Se eu não tivesse citado nomes, o público dos caras ia parar pra ouvir? (...) Eu não sou representante do nordeste, não represento o nordeste sozinho, sou uma parte do nordeste, mas como nordestino não me importo, de maneira nenhuma, que nego ache, se falem pra caralho, se eu consegui trazer o holofote pro meu povo, pra os Mc’s que tãõ lá trabalhando pra caralho, e ninguém tá vendo. Rolou essa pesquisa agora, não tem rap nordestino agora na sua pesquisa, de boa?
- Pra caramba.

das figuras mais aclamadas do hip-hop nacional, e isso é, e em grande parte, graças aos desdobramentos ocorridos pós-“Sulicídio”. Chinaski, que, em 2016, dividia a “cota nordestina” no rap com Rapadura, conseguiu se firmar ainda mais na cena, sendo sua mixtape Comunista Rico uma das mais aclamadas de 2018” (VALKÍRIAS, 2019).

- Então pronto, mano. Virou. Virou o bagulho. O cara já tá lá, estabilizado, fazendo show pra caralho no Brasil, ganhando dinheiro pra caralho, por que ele vai se importar de o nome ter sido usado pra ele conseguir abrir porta pra outro estado, mano? (BLUES, 2016)

Apesar da lírica agressiva, defendeu: “na real nem tem um rolê com o sul e o sudeste”¹³, só o interesse de “fazer o Sudeste falar mais meu nome” (BLUES, 2016).

Respondendo ao apresentador de televisão e jornalista Marcelo Taz, conta-nos:

Meu problema não é com o Sudeste, é com a indústria musical. Os jornais, a tevê, tudo... a forma como vai bater as coisas está na “grande mídia”. Quando a grande mídia faz o favor de só falar sobre pessoas do sudeste e quando fala sobre o nordeste, fala de modo extremamente caricato, ou só música regional, faz parecer que só existe música regional no nordeste. Era sobre isso a parada. Eu moro em São Paulo agora, as grandes empresas estão aqui. (...) a gente precisa estar aqui para fazer o dinheiro girar dentro da nossa produtora, junto com Léo que é meu sócio, porque a gente não tem ninguém nas nossas costas, manipulando a gente ou dando grana pra gente. A gente tem que tirar o dinheiro para fazer as coisas acontecerem. Por a gente se negar a ter um padrinho, um tubarão, a gente precisa estar aqui e fazer o nosso próprio rolê (BLUES, 2019)¹⁴.

A crítica de Baco à mídia se coaduna com as discussões de nascimento (2018), intelectual negra e sapatão sobre o “cuirolombismo literário”. Para ela, a mídia reitera fantasias coloniais sobre os corpos escuros por meio de estereotipia e homogeneização. Um imaginário racista colonial constrói “a mulher negra”, a ama de leite, a empregada doméstica, a mulata boa de cama, e “o homem negro”, pauzudo, estuprador, afetivamente irresponsável, agressivo. Ambos sujeitos,

¹³ Trecho de entrevista à Daniela Barbosa, “Baco Exu do Blues: o certo, o errado e a história de tudo isso em ‘Esú’”. NOIZE. Disponível em: <https://noize.com.br/entrevista-baco-exu-do-blues-esu/#1>. Acesso em 25 de maio de 2023.

¹⁴ #PROVOCA. Baco Exu do Blues. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LyeqgF_kzYc. Acesso em 25 de maio de 2023.



incluindo-se a eles os corpos trans negros, são marcados pela perseguição, chacota, anulação existencial física e simbólica. Baco canta: “Admito, sinto medo às vezes / A violência me olha com sede / (...) Prêmios por minha cabeça / (...) Ser perseguido e caçado me fere”¹⁵.

Contra o fetiche colonial heterossexista de supremacia branca e capitalista, é fundamental recriar imaginários e recontar histórias da diáspora negra, contrapostas à matriz branca heterocisnormativa binariocêntrica reprodutivista. Além disso, importante é buscar seu lugar de fala, identidade, sua voz.

Em diálogo com Lazaro Ramos no programa “Espelho”, Baco reflete que gostaria de cantar outras coisas em suas letras que não apenas a luta do povo negro:

Você está dentro de uma sociedade que vê o preto como violento, aí eu tenho que ser violento nas minhas letras. Se eu deixo de ser violento nas minhas letras, automaticamente, eu não estou mais fazendo música pra preto. É muito doido isso, eu ainda não me identifiquei. Ainda não encontrei minha voz. As pessoas não me veem no direito de falar sobre amor, minha vida normal de Diogo, de Baco Exu do Blues ou o que seja, as pessoas querem que eu fale sobre assuntos que elas querem que eu fale, sobre a luta negra. Minha existência é a luta negra. Eu tenho 23 anos e vivo de música, minha existência é a luta negra (BLUES, 2019)¹⁶.

Baco está ponderando sobre o estereotipo da resistência constante que congela os sujeitos negros em um *frame* da denuncia, o qual, segundo nascimento

¹⁵ Humanos não matam deuses. Baco Exu do Blues. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/humanos-nao-matam-deuses/>. Acesso em 25 de maio de 2023.

¹⁶ Baco Exu do Blues e Lázaro Ramos. Espelho. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ghzaX-NteLI> Acesso em 25 de maio de 2023.

(p. 23) é fundamental à sustentação do racismo. Para ela, a escrita preta, a literatura negra, negra lésbica, transexual, travesti, gay, cuíer deve criar mundos novos e não apenas responder ao olhar voyerista branco: escrever resistências, e não. Isso dá lugar a uma escrita ambivalente, “tanto episteme teórica quanto nutriz de imaginários” (nascimento, p. 19), que “desloca o texto ficcional para o texto da vida”, haja vista que “o escritor se vale de uma relação próxima e distante com a realidade (SOUZA, p. 59).

Trata-se de um que-fazer artístico que é reação ao sistema colonial racista tanto quanto deleite capaz de criar mundos utópicos, diz-tópicos, kuírlombos não só de resistência: mas de sonhos e de afetos. Sem o “dever discursivo do qual não podíamos abrir mão sob pena da acusação de ‘não ser negrx o suficiente/ de verdade’”, qual seja, o da narrativa da resistência e da dor (NASCIMENTO, p. 21).

Em entrevista à Fabiane Pereira, jornalista e apresentadora do programa Faro da Nova Brasil FM, Baco nos conta como ele e o produtor artístico Leonardo Duke, com vistas a fomentar a ascensão de jovens negros da cena baiana do rap, mas também do trap, pop, audiovisual e das artes plásticas, criaram o selo 999. Trata-se de empresa voltada a artistas negros em ascensão, cuja atenção visa financiar talentos da cena soteropolitana. Em dado momento, interpelado, responde:

- Eu tô aqui te ouvindo falar e me perguntando por que você não está em todas as emissoras de televisão falando sobre isso [selo 999]?
- Porque eu sou um cara negro e gordo e nordestino. E que tem Exu no nome. Simples! (BLUES, 2021)¹⁷.

¹⁷ Faro com Baco Exu do Blues. “Vem disco novo antes do ‘bacanal’ e arrisco dizer que é o meu melhor”. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Lp_nPkSo6eg. Acesso em 25 de maio de 2023.



Até 2016, a 999 era somente uma “festa”. Hoje, estão na mira do selo moda, audiovisual e entretenimento. A ideia é diversificar a forma, o conteúdo musical e permitir que Baco se movimente por outras áreas. M0sc4, talentoso artista plástico participa desse grupo, assim como rappers como Vírus, Celo Dut e Young Piva, os quais lançaram a canção “Antes Eu Corria Atrás”, produzida por DKVPZ (diquépiz). Segundo explica, “Vírus é a desconstrução, Celo os ancestrais e Young é a raiva. Cada um tem uma personalidade única e complementar para as características que temos no selo. A 999 é um facilitador para jovens artistas negros se encontrarem”¹⁸, se apresenta como um cuirlombo (nascimento, 2018), espaço de resistência e organização, espaço em que a arte, não é vista apenas como combativa, aliada da denúncia contra o racismo, mas espaço para remontar histórias negras.

Baco Exu do Blues tem Racionais Mc’s, Mano Bown e Kanny West como figuras de destaque. Em sua poesia há referências à Jorge Luís Borges, Vincent van Gogh, Ludwig van Bethoven, Arthur Rimbaud e Jorge Amado. Encontra inspiração para suas composições, as quais, frequentemente questiona a violência e as desigualdades promovidas pela indústria musical, em Mario Cravo Neto, Edu Lobo, Rui Guerra, Caetano Veloso, no rapper de Jay-Z e em Beyoncé, mas, especialmente na Bahia, em Salvador.

Em entrevista ao produtor musical, Léo Casa, Baco conta que faz poesia de escárnio.

¹⁸ REVISTATRIP. É tudo nosso. Guilherme Henrique. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/artistas-como-emicida-se-firmam-no-comando-das-proprias-carreiras-e-puxam-uma-fila-no-rap-nacional>. Acesso em 25 de maio de 2023. Cf. MUSICA&BADALO, Heloísa Tulipan. Disponível em <https://heloisatolipan.com.br/musica/selo-musical-999-gravadora-de-baco-exu-do-blues-investe-na-representatividade-de-artistas-negros-do-rap-baiano/> Acesso em 25 de maio de 2023. Para acessar rede social da gravadora: https://www.instagram.com/99nove_/

- Chega a ser ofensivo para o ouvido da pessoa. Mas, qualquer pessoa que estudou até o terceiro ano, acho, eu não estudei até o terceiro ano, mas qualquer pessoa que pegou essa parte da literatura sabe que existe as três formas de poesia. Uma delas é a poesia de escárnio, que por mais que seja ofensiva, ainda é uma poesia qualificada. É a poesia do absurdo, ela vai pegar você pelo absurdo. E a partir do absurdo você vai entender o que ela está tentando dizer, é tão absurdo que você não vai levar pro literal.
- Será que você já tá antecipando o que eu ia perguntar, mano? Você está falando de “Sulicídio” já?
- Não, eu tô falando do meu trabalho, todo meu trabalho é feito dessa forma. “Sulicídio” tem essa visibilidade, tem, mas coisas tão absurdas quanto já foram ditas em outras faixas. Esse é o recurso da minha escrita, eu escrevo assim. (BLUES, 2016).

Reunidos em 6 álbuns, 4 de estúdio e 2 EP (*extended play*), respectivamente, “Esú” (2017), “Bluesman” (2018), “Não tem bacanal na quarentena” (2020), “QVWJFA – Quantas Vezes Você Já Foi Amado” (2022), “OldMonkey” (2015) e “Direto do Hospício” (2017), os versos do artista, tematizam preconceito e violência policial, orgulho da pele preta, ancestralidade, amor, misturam samples da MPB, funk carioca, jazz, tambores de terreiro com poesia nordestina, rock estadunidense e mitologia dos orixás.

“Não tem bacanal na quarentena” foi produzido em 3 dias num estúdio caseiro, com 09 faixas, sendo a de número 07, intitulada “Dedo no cu e gritaria”. Nela, sem Baco no vocais, os MCs do selo 999, Celo Dut, Vírus e Young Piva, com ironia e erotismo, regionalismo e humor ácido cantam: “A rua criando igual reformatório (okay) / Jovem negros livres com problemas neurológicos”, enquanto “homens aumentam o próprio falo/ Já que falar não prova a miudez do seu fardo”¹⁹.

¹⁹ Dedo no cu e gritaria. Celo Dut, Vírus, Young Piva. Baco Exu do Blues. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/dedo-no-cu-e-gritaria-part-celo-dut-virus-e-young-piva/>. Acesso em 25 de maio de 2023.



Nessa letra, o sujeito negro sente-se, “Fadigado, formigamento das pineais em busca de algo / Alérgico à alegria”, guarda rancor dos inimigos numa gaveta, e avisa: “Tromba meu bonde, desencanto pra sua vida feia.”

Com seus *hits*, próximo de Pedro Bala, personagem de Jorge Amado, Baco se assemelha a um dos capitães da areia e se distancia dos “capitães do mato”.

Carrego comigo coragem, dinheiro e bala
Palavras de Pedro Bala, palavras de Pedro Bala
(...)
Eu tô brindando e assistindo
Um homofóbico xenófobo apanhando de um gay nordestino
Eu tô rindo
Vendo uma mãe solteira espancando o PM que matou seu
filho
Me olho no espelho, vejo caos sorrindo
(...)
Eu nasci no dia que viram a raiva parindo
Eu nasci no dia que viram a raiva parindo
Onde cidadãos de bem queimam terreiros
Espancam mulheres, odeiam os pretos
Odeiam o gueto, matam por dinheiro
Eu sou caos, eu sou vilão
(BLUES, 2017)²⁰

Foi contemplado com prêmios diversos, “Artista Revelação” pelo Prêmio Multishow de Música Brasileira (2017), sendo “Te Amo Disgraça”²¹ eleita a “Canção

²⁰ Capitães da Areia. Baco Exu do Blues. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/capitães-de-areia/> Acesso em 25 de maio de 2023.

²¹ RIMAS E BATIDAS. Núria R. Pinto. “Te Amo Disgraça”: a Canção do Ano pertence à Baco Exu do Blues. “Te amo disgraça” som que coloca a sexualidade sem pudores em destaque, tem hoje mais de 51. milhões de visualizações no Youtube, num mercado “ainda dominado pela música sertaneja, MPB ou até pelo funk”. Disponível em: <https://www.rimasebatidas.pt/te-amo-disgraca-cancao-do-ano-pertence-baco-exu-do-blues/#:~:text=Com%20mais%20de%2014%20milh%C3%B5es,%C3%A9%20claro%2C%20no%20novo%20cancioneiro> Acesso em 25 de maio de 2023.

do Ano” pelo júri Multishow; som laureado também como a “Melhor Música de Rap” pelo site Genius, através do Prêmio Genius Brasil de Música (2017), Prêmio Multishow de Música Brasileira, nas categorias “Clipe do ano”, “Artista Revelação”, “Canção do ano” (2018), vencedor do Festival de Publicidade de Cannes (2019). Todavia, a qualidade musical de Baco Exu do Blues ainda é frequentemente questionada. Talvez isso não ocorresse caso fosse ele um *rapper* do Norte hegemônico ou do Sul-Sudeste brasileiro. Talvez fosse melhor aceito caso não tivesse a alcunha de Exu, orixá nagô, como parte de seu nome artístico.

Sua poesia, “cuja fonte de referência é também a própria ancestralidade da diáspora em suas multiplicidades” (nascimento, 2018), se aquilomba com Exu, Xangô, Pombagira, com os “Novos Baianos” e com Martinho da Vila. Tem melodias com participações variadas como Gal Costa e Vinícius de Moraes, Ellen Andrade e Tim Bernardes, 1LUM3, Bibi Caetano e Tuyó, Muse Maya, Glória Groove e Iza, num projeto epistêmico negro-sexual-dissidente-palavreiro. Aquilombado com os “Poetas no topo”, Orochi, Raffa Moreira, FBC, Froid, Sain, Ducon, CorujaBC1, canta:

O público quer que eu faça o som que vende
Só pra me chamar de vendido
(...)
Rap tava tipo Michael Jackson, doente e branco
Mas não deixamos, nós o curamos
(...)
Somos reencarnação de deuses, não temo o capeta
Cês tem dinheiro, eu tenho letra
Roubo o dinheiro de MCs para dar para mães pretas
Prada pra preta, Prada pra preta
(BLUES, 2018)²²

²² Poetas no topo 2. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/baco-exu-do-blues/poetas-no-topo-2/>
Acesso em 25 de maio de 2023.



Num para além da linguagem, naquilo que atravessa seu caráter gráfico, a impressão, a marca, o resto, o rastro, que suplementa e rasura a metafísica da presença (DERRIDA, 2001), que pretende, então, a escritura/agência de Baco? Sua poesia almeja nada menos do que formar pretos ricos e livres, “anel no dedo em cada um dos cinco”²³ e desmontar a pilhagem epistêmica produzida contra sujeitos historicamente subalternizados, “devolver o que nos foi roubado. Minha maior preocupação com minha música é me entender, quebrar essas caixinhas e devolver o que é nosso”²⁴. Daí, ressignificar símbolos embranquecidos:

A partir de agora considero tudo blues
O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues
O funk é blues, o soul é blues, eu sou Exu do Blues
Tudo que quando era preto era do demônio
E depois virou branco e foi aceito, eu vou chamar de blues
É isso, entenda
Jesus é blues
(BLUES, 2018)

4. Considerações finais: Exu do Blues, Karma da cena

O presente texto problematizou postulados projetados como “cânone” e “fim da crítica”, marcando-os como política de produção de subalternidades para determinados sujeitos e seus escritos, enquanto hiperestimula e sobrevaloriza o chamado cânone global. Demonstrou que a linguagem/estética brancocêntrica da representação desse cânone racista se assenta na colonialidade do saber

²³ Bluesman. Baco Exu do Blues. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/bluesman/> Acesso em 25 de maio de 2023.

²⁴ Baco Exu do Blues e Lázaro Ramos. Espelho. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ghzaX-NteLI> Acesso em 25 de maio de 2023.

(QUIJANO, 2005) e em uma crítica literária que clama por interpretações e perspectivas neutras.

Tal crítica brancocentrada entende que a literatura deve relativizar “a questão da identidade pessoal ou nacional do autor, e, quando esta é prioritária, a obra fica mais próxima do testemunho do que da criação artística” (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 12). Esta mesma crítica é convalidada por referentes autorreferentes. Quais? Sumariamente brancos, europeus, de classe média, burgueses, masculinos, cristãos, heterossexuais, calcados na Razão, no Progresso, na Ilustração, no liberalismo ocidental. Advoga uma “grande literatura”, assentada em uma epistemologia retórica, ética e política interessada. Ora, toda “grande literatura” é um texto socialmente construído, mediado e atravessado por interações e disputas, não em direção à “verdade”, mas em face de movimentos de poder.

Apoiado em pensadoras como Toni Morrison (2019), o texto ora em curso, delatou o cânone branco e racista como parte de episteme interessada em sustentar a dominação e confirmar a si, ou seja, o [discurso] branco como “normal”. O discurso que defende o cânone e se insurge contra a “agonia” da crítica não se aparta de processos de outremização, uma força bruta romantizada cujo intuito é possuir, governar, administrar o outro (MORRISON, p. 65). Tal ação nega as individualidades específicas e suprime a realidade das pessoas; por outro lado, revela uma obsessão com uma ameaça “estrangeira”, que vem de fora.

De todo modo, há quem questione sobre de que lugares estão sendo enunciados discursos acerca do gosto estético, denunciando o espaço imposto às classes subalternizadas, por meio da manutenção de um dado saber e do caráter regulador da crítica cultural (SOUZA, 1998). Guardadas as proporções cabíveis, escritores e estudiosos como Italo Moriconi, Silviano Santiago, Otilia Arantes,



Heloísa Buarque de Holanda, Eduardo Portella, Helena Parente Cunha, Eduardo Coutinho, Tânia Carvalhal, Eneida Maria de Souza, Nabil Araújo, Luís Alberto Brandão, Fábio Durão, produziram com seus estudos uma ação pedagógica e democrática do saber e da cultura, capaz de colocar em crise a crítica literária contraditória submetida a um cânone com suas referências estanques.

Caso não se possa retomar tais pesquisadores, para colocar em crise a crítica em face de um cânone antirracista, já temos Baco, artista que nos afirma: “Sobrevivo, vivo, com as condições que o mundo impõe para mim e me proponho a dar respostas para ele não me esmagar”²⁵. Ouçamos:

Exu do Blues, Karma da cena
Criado pela cena pra matar a cena
Ganhe essa merda-sena
Disputa lírica nem vale a pena
Tô engolindo dicionários, tô fodendo Atena
(BACO, 2016)²⁶.

Referências bibliográficas

ALVES, Alcione Corrêa. tatiana nascimento, pensamento amefricano no presente. UNB: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 25, n. 48, p. 11-27, jan./ abr., 2023.

AUAD, P. H. T. K. Contradições inventadas: crise e fantasmas da Teoria. Aletria: UFMG: *Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 29, n. 3, p. 79-96, 2019.

²⁵ RAPOX. Ep. 111 - Baco Exu do Blues: Trocando ideia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XiuNULSedD8>. Acesso em 25 de maio de 2023.

²⁶ 999. Baco Exu do Blues. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/999/> Acesso em 25 de maio de 2023.

AFONSO-ROCHA, Rick. Saudosismo literário: a destruição imaginária da Literatura. In: Iago Moura; Nai Monteiro; Renato Peruzzo; Rick Afonso-Rocha. (Org.). *Cutucando o cu do cânone: insubmissões teóricas e desobediências epistêmicas*. 1ed. Salvador: Devires, 2022.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Liberdade, 2003.

BLACK PANTHER. Direção: Ryan Coogler. *Estados Unidos*: Marvel Studios, Walt Disney Pictures, 2018. 134 min, color.

BLUES, Baco Exu do. *Bluesman*. Independente, 2018, Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/bluesman/> Acesso em 25 de maio de 2023.

BLUES, Baco Exu do. *999*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/999/> Acesso em 25 de maio de 2023.

BLUES, Baco Exu do. *Poetas no topo 2*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/poetas-no-topo-2/> Acesso em 25 de maio de 2023.

BLUES, Baco Exu do. *Capitães da Areia*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/capitães-da-areia/> Acesso em 25 de maio de 2023.

BLUES, Baco Exu do. *Sulicídio*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/sulicidio/> Acesso em 25 de maio de 2023.

BLUES, Baco Exu do. *Humanos não matam deuses*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/humanos-nao-matam-deuses/>. Acesso em 25 de maio de 2023.

BLUES, Baco Exu do. *Faixa preta*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/faixa-preta/> Acesso em 25 de maio de 2023.



BLUES, Baco Exu do. *Sinto tanta raiva*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/sinto-tanta-raiva/> Acesso em 25 de maio de 2023.

BLUES, Baco Exu do. *Autoestima*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/autoestima/> Acesso em 25 de maio de 2023.

BLUES, Baco Exu do. *Abre caminho*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/abre-caminho/> Acesso em 25 de maio de 2023.

CELO Dut; VÍRUS; PIVA, Young; BLUES, Baco Exu do. *Dedo no cu e gritaria*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/dedo-no-cu-e-gritaria-part-celo-d-ut-virus-e-young-piva/>. Acesso em 25 de maio de 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COUTINHO, Eduardo. de F. A reconfiguração de identidades na produção literária da América Latina. In: CARVALHAL, T. F. (coord.). *Culturas, contextos e discursos: limiares críticos no comparatismo*. Porto Alegre: UFRGS, p. 50-57, 1999.

COUTINHO, Eduardo. de F. Literatura comparada en Brasil: desde una perspectiva etnocéntrica hacia un diálogo de culturas. Dossiê: *Crítica de la literatura latinoamericana en los siglos xx y xxi*. Universidade Federal de Pelotas (UFPel), (RS): Caderno de Letras. n. 43 (2022) p. 20 – 26.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DUARTE, Eduardo de Assis. O lugar do negro na literatura. BELMIRO, Celia Abicalil (et al.). *Onde está a literatura? Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DURÃO, F. A. Burrice Acadêmico-Literária Brasileira. *Revista da Anpoll*, [S. l.], v. 1, n. 43, p. 19–33, 2017.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

GOULART, Cátia Dias. Perspectiva decolonial e os estudos comparados: os lugares de onde falo, as fronteiras em que me situo. Dossiê: *Crítica de la literatura latinoamericana en los siglos xx y xxi*. Universidade Federal de Pelotas (UFPel), (RS): Caderno de Letras. n. 43 (2022) p. 64 – 81.

HARAWAY, D. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Unicamp, SP: Cadernos Pagu, 2009.

KAHMANN, Andrea Cristiane; CUNHA, Andrei. Tania Carvalhal, a crítica da literatura latino-americana nos séculos xx e xxi. Dossiê: *Crítica de la literatura latinoamericana en los siglos xx y xxi*. Universidade Federal de Pelotas (UFPel), (RS): Caderno de Letras. n. 43 (2022) p. 325 – 340.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Florianópolis, SC: *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 935-952, set. 2014.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. *Arte & Ensaios*, [S.l.], n. 32, mar. 2017.

MOURA-MELO, I.S.; FERREIRA, E. P. Que corpo tem a linguagem? In: André Luis Mitidieri; Fábio Figueiredo Camargo; Sandra Sacramento. (Org.). *Revisões do cânone: estudos literários e teorias contra-hegemônicas*. Uberlândia (MG): O sexo da palavra, 2020.

MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

nascimento, tatiana dos santos. *Cuirlobismo literário*. São Paulo: N1Edições, 2018.



OLIVEIRA, T. R. M.; PARAÍSO, M. A. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 23, n. 3, p. 159-178, 2016.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Que fim levou a crítica literária? In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-Racionalidad. In: BONILLA, Heraclio. *Los Conquistados: 1492 y la población indígena de las Américas*. Bogotá: Tercer Mundo, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RUFINO, L. Epistemologia na Encruzilhada: Política do conhecimento por Exu. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Eunápolis, BA: Abatirá - *Revista de Ciências Humanas e Linguagens*, v. 2, n. 4, p. 19-30, 2021.

SOUZA, Eneida Maria de. A teoria em crise. Brasília: UNB: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 4, n. 4, 1998.

SOUZA, Eneida Maria de. *Saberes narrativos*. Belo Horizonte (MG): PUC-Minas: Scripta, 7(14), 56-66, 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In: COSTA, V. M. (Org). *Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 3 ed. RJ: Lamparina editora, 2007, p. 23-38.

Recebido em 25/10/2023

Aceito em 08/12/2023